

A HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA: PALCO DE HOMOFOBIA E DE ACOLHIMENTO

Autor (1) Me Rafael Correia Lima; Co-autora (2) Ma. Ana Lúcia Santos Ferreira; Co-autora (3) Ma Ivoneide Rodrigues da Silva; Co-autora (4) Ma Marli Matiasso Nardino

(1) IFSP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, rafaclimarte@gmail.com; (2) UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, aninha.2506@gmail.com; (3) Universidad Columbia del Paraguay, ivoneide001@hotmail.com; (4) Universidad Columbia del Paraguay, marlimatiassonardino@yahoo.com.br.

Resumo

A pesquisa se apropria dos relatos da coordenação pedagógica para a sustentação da temática frente às dificuldades da rotina escolar para acolher e lidar com o preconceito aos alunos autodeclarados homossexuais na educação básica regular. As entrevistas com os alunos figuram e comprovam essas situações homofóbicas. A pesquisa dialoga com a sexualidade na adolescência, o empoderamento e o pertencimento a favor da identidade de gênero, a relação entre os opressores e o oprimido e a situação concreta do chão da escola favorecendo a homofobia. Os resultados e discussão trazem conclusões impressionantes e enfatizam tanto o acolhimento precário da comunidade escolar, limitado a gestão, e a comprovação dos atos homofóbicos na rotina escolar. A pesquisa dialoga com os autores Cano e Ferriani (2000), Castro (2015), Freire (2017), Junqueira (2012) e em especial Lima, Wojciechowski e Nardino (2017) que diz respeito a pesquisa sobre a sexualidade na mesma instituição de ensino da E.E. Kakunosuke Hasegawa.

Palavras-chave: Homofobia; Acolhimento; Rotina escolar.

INTRODUÇÃO

A sexualidade é um tema muito comum e atraente entre os adolescentes e no cotidiano escolar, com muito mais frequência nesta instituição escolar 60,1% dos alunos do ensino médio já iniciaram suas práticas sexuais (LIMA; WOJCIECHOWSKI; NARDINO, 2017). Nesse sentido, a pesquisa busca investigar a relação dos alunos com problemas de aceitação pessoal ou social pela sexualidade e por gênero, ou seja, os “homossexuais” numa sociedade conservadora e ainda preconceituosa.

Este trabalho tem por finalidade contextualizar a rotina escolar que é favorável a *heteronormalidade* e conseqüentemente provoca a homofobia, o *bullying* e a intolerância com a diversidade sexual, além de enfatizar o acolhimento escolar como fator primordial e necessário no ambiente escolar.

Nesse sentido, é importante que o público escolar, ou seja, a comunidade, professores e alunos, desenvolvam um processo de acolhimento e de menos preconceito que favoreça e não prejudique, pois mais afasta os envolvidos do ensino-aprendizagem do que aproxima do conhecimento necessário à carreira do aluno.

A situação concreta da educação e a homossexualidade aponta a realidade da escola, os erros e as falas que a educação apregoa, repercutindo em medo, por parte dos oprimidos e instigados pela força dos opressores *heteronormalistas*.

Abordaremos também sobre o empoderamento da identidade do aluno com ênfase no gênero sexual na adolescência que traz a concepção de pertencimento a um grupo social específico onde se compartilha ideias e valores em comum.

A pesquisa, em campo, faz um levantamento sobre o preconceito e o acolhimento na rotina escolar, como acontece e impera o chão da escola, fazendo uma coleta de dados por entrevistas com dois alunos. Através delas, a pesquisa bibliográfica dialoga e ganha sustentação, pois se materializa nas duas situações contempladas, ou seja, nos seus respectivos gêneros sexuais, apontam duas ocasiões diferentes da identidade homossexual que estão inseridas na rotina escolar, pela menina que enfatiza o constrangimento e o menino que revela o medo de assumir a própria identidade, para evitar reações negativas entre os colegas, familiares e a própria escola.

No entanto, os resultados afirmam a contribuição (in) voluntária da escola no processo de construção da homofobia e a necessidade de se fazer melhores acolhimentos no ambiente escolar, visando à integridade dos alunos, o respeito a sua identidade e assegurando um ensino de qualidade a todos os seus integrantes.

METODOLOGIA

A pesquisa tem o enfoque qualitativo e se apropria das experiências, da fala e reflexão singular dos entrevistados para compor a entrevista que dialogará com a bibliografia proposta.

A pesquisa de campo contou com dois alunos, sendo um menino (*gay*) e uma menina (*lésbica*), por meio de entrevista que questiona sobre o preconceito e o acolhimento no ambiente escolar, ocorrida no dia 08 de junho de 2017, por livre e espontânea vontade dos participantes que aceitaram o convite, na presença da gestão escolar, sem qualquer exposição negativa da identidade de gênero ou ação discriminatória.

A SITUAÇÃO CONCRETA DA EDUCAÇÃO E A HOMOSSEXUALIDADE

No ano passado, um aluno, muito inteligente e esforçado, desde sempre, eu o identificava “diferente” dos demais, chegou até a mim e disse: Não sou mais o André, pode me chamar de Nicole. Eu fiquei sem atitude, em pânico, pois não sabia o que dizer e nem como lidar com os

demais alunos da escola, observando tamanha transformação daquele aluno (1º relato da professora coordenadora pedagógica, Iara Fonseca Fragoso Alencar Neri, 2017).

Situações como o relato da professora coordenadora pedagógica estão cada vez mais frequentes na rotina escolar da educação básica regular. O grande problema é que os profissionais do ensino não estão preparados para lidar com tais situações no contexto escolar, devido aos fatores sociais internos (principalmente os alunos) e externos (pais e familiares), a escola e a sociedade *heterossexista*.

A escola é um espaço de socialização e de investimento no processo de transformação do aluno nas situações social, educativa e profissional, no entanto, prepara o aluno, segundo o art. 1º da LDB, para “[...] os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996, p.9). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional afirma que a educação deve se vincular ao mundo do trabalho e à prática social.

No entanto, “é previsível que ambiências preconceituosas desfavoreçam o rendimento das pessoas que são alvo de preconceito e discriminação” (JUNQUEIRA, 2012, p.81). No entanto, a grande preocupação da educação passa a ser a manutenção da frequência dos alunos, na educação básica regular, garantindo sua formação educativa, inserção social e a qualificação profissional, independente se o indivíduo está em situações marginalizadas ou não como estes casos em que são minorias determinadas por sua identidade de gênero sexual.

Para Junqueira (2012, p.79) “a escola consente, cultiva e promove a homofobia e o heterossexismo, repercutindo o que se produz em outros âmbitos e oferece uma contribuição decisiva para a sua atualização e o seu enraizamento”.

A heteronormatividade está na ordem das coisas e no cerne das concepções curriculares; e a escola se mostra como instituição fortemente empenhada na reafirmação e na garantia do êxito dos processos de heterossexualização compulsória e de incorporação das normas de gênero, colocando sob vigilância os corpos de todos/as (JUNQUEIRA, 2012, p.66).

No entanto, o que foge desta concepção *heteronormativa*, pode desencadear sérios problemas, desencontros, enfrentamentos, exposições particulares dos envolvidos, constrangimentos etc.

Nesse sentido, a escola é por si própria, um espaço de discursos, valores e práticas, que promovem a heterossexualidade e é vivenciada como a única possibilidade natural e legítima de expressão (JUNQUEIRA, 2012, p. 66 *apud* WARNER, 1993).

Posto tais afirmações, os próximos entraves se concentram no aumento das situações homofóbicas, que apesar de seus limites e os equívocos que tende a gerar, conquistou espaços importantes no campo político e ainda apresenta certo potencial (JUNQUEIRA, 2012, p.67).

A vida de sala de aula, como a de qualquer outra situação social, não é dada *a priori*, nem tomada de empréstimo a outra situação, ao contrário, é construída, definida e redefinida a todo o momento, revelando e estabelecendo os contornos de uma interação em construção. Interação enquanto (encontro) em que os participantes, por estarem na presença imediata uns dos outros, sofrem influência recíproca, daí negociarem ações e construir significados dia a dia, momento a momento (CASTRO, 2015, p.152 *apud* CAJAL, 2001, p.127).

A influência que as pessoas exercem sobre o próximo pode ser o reflexo associado do modelo de educação que vem sendo construído no dia a dia. O processo de repensar as falas, as ações e atitudes de toda a instituição de ensino são primordiais para a reconstrução de um ambiente saudável e diversificado.

Fundamentar-se nesta concepção de influência social, são relevantes princípios para se repensar os sujeitos e perceber como a internalização, as intenções escolares e seus propósitos ocorrem no processo de formação cidadã.

No entanto, “[...] diante da sanha (hetero) normalizadora, é preciso reter que processos disciplinares voltados à normalização de indivíduos são responsáveis por impossibilitá-los de se constituírem como sujeitos autônomos” (JUNQUEIRA, 2012, p.76 *apud* FONSECA, 1995).

Junqueira (2012, p.77) também afirma que...

Nas escolas o beijo entre as meninas tem preocupado muitos/as dirigentes escolares. A pedagogia do armário lhes oferece amparo curricular: de um lado, um discurso procura esvaziá-lo de seu possível conteúdo transgressivo e desestabilizador, banalizando-o, definindo-o como “moda”, “coisa passageira”, de outro, dispõe de medidas disciplinares para inibi-lo e cerceá-lo.

Na verdade, o que nos afeta diretamente (escola) e minha maior preocupação é a exposição desses alunos em atos públicos de demonstração de carinhos, beijos e outras carícias que favorecem a ridicularização e a ira pelos demais alunos que não estão preparados para ver tal situação, por fatores que sai dos portões da escola, pois a homofobia não pertence somente à

escola, mas ao ambiente familiar, a religião e a sociedade como um todo (2º relato da professora coordenadora pedagógica, Iara Fonseca Fragoso Alencar Neri, 2017).

Nesse sentido, a escola...

[...] fabrica sujeitos e identidades, produz e reitera regimes de verdade, economias de (in) visibilidade, classificações, objetivações, distinções e segregações, ao sabor de vigilâncias de gênero que exercem efeitos sobre todos/as (JUNQUEIRA, 2012, p.79).

Sendo assim, Junqueira (2012, p.64 *apud* CAMARGO; MARIGUELA, 2007) afirma que entre discursos, enunciados, gestos e ocorrências, as situações se (re) constroem saberes, sujeitos, identidades, diferenças e hierarquias no contexto escolar.

EMPODERAMENTO DE IDENTIDADE DE GÊNERO

A relação de pertencimento e formação da identidade do ser humano é constituída por diversos aspectos, nos quais estão associadas às principais características de sua formação sociocultural e ideológica, classificando o indivíduo singular no contexto comunitário e sua ideologia de pertencimento, entre outros aspectos, a raça/etnia, o local de moradia, aspectos sociais e financeiros, religiosos e conseqüentemente a identidade de gênero etc.

Segundo Cano e Ferriani (2000, p.22 *apud* KNOBEL, 1992) desde o nascimento, meninos e meninas recebem mensagens sobre seu papel sexual na sociedade e conseqüentemente vem construindo sua identidade.

Para Castro (2015, p.43), o pertencimento social é estabelecido pelo engajamento e a implicação emocional com relação ao grupo ao qual o indivíduo pertence, conduzindo a nele investir sua própria identidade. No entanto, cada caso é particular, pois as sensações, atitudes, comportamentos e nível de pertencimento podem variar de indivíduo para indivíduo.

A identidade de gênero homossexual possui muitas variantes e identidades da qual se integram ao universo das lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais, popularmente representados pela sigla LGBT.

O reconhecimento da identidade sexual também pode ser feito pelo nome social, que “não é um apelido e representa o resgate da dignidade humana, o reconhecimento político da legitimidade de sua identidade social” (JUNQUEIRA, 2012, p.78).

Para uma ampla abordagem da identidade sexual homoafetiva, observamos que o conceito epistemológico da identidade sexual,

É o conjunto de características sexuais que diferenciam cada pessoa das demais e que se expressam pelas preferências sexuais, sentimentos ou atitudes em relação ao sexo. A identidade sexual é o sentimento de masculinidade ou feminilidade que acompanha a pessoa ao longo da vida. Nem sempre está de acordo com o sexo biológico ou com a genitália da pessoa (BUENO, 1965, p.235).

Sendo este um momento marcante que se aflora na adolescência, transcendendo o sexo biológico que segundo Cano e Ferriani (2000, p.18 *apud* OSÓRIO, 1992) vão enfatizar dizendo que “a adolescência é uma etapa da vida na qual a personalidade está em fase final da estruturação e a sexualidade se insere nesse processo, sobretudo como um elemento estruturador da identidade [...]”.

No entanto, quando o aluno “André”, ao informar a professora coordenadora pedagógica da escola e pede que seja chamada por “Nicole”, podemos afirmar que foi o processo de empoderamento de sua identidade social frente a sua dignidade humana e sua liberdade de expressão, na qual está amparada por lei.

Nesse sentido, o conceito de liberdade e de atitudes também é limitado, pois, se tratando da homossexualidade, é compreendido como “não aceito” também no ambiente escolar, devido esta reafirmação social.

Segundo Cano e Ferriani (2000, p.22) assumir a sexualidade na adolescência, é entrar no mundo adulto, gradativamente, se desprendendo de sua condição de criança, pois constitui uma etapa decisiva de um processo que se inicia com o nascimento do indivíduo.

Mas, a escola brasileira se estruturou,

[...] a partir de pressupostos tributários de um conjunto de valores, normas e crenças responsável por reduzir à figura do “outro” (considerado estranho, inferior, pecador, doente, perverso, criminoso ou contagioso) quem não se sintoniza com os arsenais cujas referências eram (e são) centradas no adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês, física e mentalmente “normal” (JUNQUEIRA, 2012, p.65-66).

Nesse sentido, os personagens não identificados pela figura do “homem, branco, heterossexual, burguês”, tido como “padrão social”, sofrerão algum tipo de preconceito e intolerância, conseqüentemente sendo marginalizados pela sociedade.

Pois, a *heteronormalidade* enraizada na escola prejudica tanto um quanto o outro, para os meninos, está em sempre demonstrar sua masculinidade, pois se algo falhar ficará marginalizado como o “veadinho da escola” (JUNQUEIRA, 2012, p.70-71), consecutivamente no caso das meninas “masculinizadas”.

No entanto, os “[...] indivíduos que escapam da sequência *heteronormativa* e não conseguem ocultá-lo, arriscam-se a serem postos à margem das preocupações centrais de uma educação supostamente para todos/as” (JUNQUEIRA, 2012, p.70 *apud* BUTLER, 1999).

Partindo de tais pressupostos é viável e prejudicaria menos a socialização nas diferenças, se a não afirmação de regras, controle social, vigilâncias pela heterossexualidade tivessem menos prioridade e a liberdade de expressão para a vida fosse o foco educativo. Se a escola, como um todo, não enfatizasse a heterossexualidade, a homossexualidade sofreria menos impacto social e constrangedor na educação brasileira.

Para Junqueira (2012, p.81) os “processos de configuração de identidades e hierarquias sociais nas escolas também estão relacionados à desigualdade na distribuição social do “sucesso” e do “fracasso” educacionais”. Nesse sentido, a identidade de gênero homossexual entre todas as angústias é passível de evasão da educação básica regular, baixo rendimento escolar, alteração de comportamentos, influenciando todo o processo de escolarização do aluno.

A sexualidade na adolescência é fruto de inúmeros problemas sociais novos e que agravaram os já existentes: prostituição, aborto, desajustes conjugais, divórcio e em especial, a homossexualidade, com isso, a família e a sociedade sofrem vários abalos, reforçando a atuação da pesquisa científica e os inúmeros textos científicos (CANO; FERRIANI, 2000, p.18).

PRECONCEITO E ACOLHIMENTO NA ROTINA ESCOLAR

Como já afirmamos, a situação do adolescente homossexual na educação básica regular é fonte inspiradora de evasão escolar por preconceitos enfrentados e até de agressões físicas e verbais.

A tendência do aluno ridicularizado no ambiente escolar é passível de desistência e abandono escolar prejudicando sua formação educativa e conseqüentemente o preparo para o mercado de trabalho, na qual possivelmente enquadrará com o aluno que em outro momento, compõe à educação na modalidade EJA – educação de jovens e adultos.

O preconceito se refere “[...] a um conjunto de emoções negativas (aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo)” em relação aos homossexuais (JUNQUEIRA, 2012, p.67). Relatos de preconceitos, *bullying*, exposições de identidade de gêneros, ou o distanciamento do padrão “normalístico social”, acaba grosseiramente sendo criticado pelos *heteronormalistas* que se sobrepõe às minorias.

O *bullying* escolar, nesta temática, verbalmente, pode ocorrer em formas de ameaças, falsas acusações, rótulos, ou seja, colocar apelidos, fazer ofensas, xingos, falar mal da própria família do

aluno, fofocas, fazer brincadeiras de mau gosto, exclusão dos jogos, brincadeiras ou atividades propostas em sala de aula, pirraças, gritos, provocação ao colega, chamar de *gay* ou de lésbica etc. Estas ações provocadas pela aversão ao homossexual é conhecida como a homofobia, que Junqueira (2012) afirma ser...

[...] um fenômeno social, relacionado a preconceitos, discriminação e violência voltados contra quaisquer sujeitos, expressões e estilos de vida que indiquem transgressão ou dissintonia em relação às normas de gênero, à matriz heterossexual, à heteronormatividade.

É interessante pensar que a responsabilidade e a propagação da homofobia podem estar em toda a instituição, não somente, nos alunos que vigiam cada garoto “afeminado” ou na menina “masculina”, mas num simples comentário que enfatize ou reafirme o gênero sexual do aluno.

A tradução do contexto escolar frente à homofobia é presenciada de insultos por meio de piadas, insinuações, expressões desqualificantes e desumanizantes. Ainda assim, tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos e até mesmo agressões físicas têm sido presentes na rotina escolar (JUNQUEIRA, 2012, p.69).

Ao ouvir que “o azul” é do menino, e “o rosa” é da menina, meninos tem que brincar com “carrinho” e meninas tem que brincar com “bonecas”. A escola afirma a *heteronormatividade* que são ações incutidas na mente do aluno para um padrão social e sexual que é patrocinada pelo meio social e principalmente adepta da educação formativa escolarizada.

Para Junqueira (2012, p.73) “afirmações ou expressões *heteronormativas* como “meninos brincam com meninos e meninas com meninas”, “coisas de mulher”, entre tantas outras, requerem problematizações”. São gestos, palavras ou ações que estão carregadas de *heteronormatividades* na rotina escolar, que precisa de uma reflexão entre todos os envolvidos no processo de escolarização.

Quanto ao acolhimento, é crucial o aporte da escola, com suas rotinas, práticas e valores, na busca pelo processo de normalização e ajustamento *heterorreguladores* em relação a matriz heterossexual (JUNQUEIRA, 2012, p.68).

Outra discussão que precisa ser mais bem elaborada é o previsto no Art. 27 da LDB (BRASIL, 1996) se referindo aos conteúdos curriculares da educação básica acerca da “difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos [...]”.

Para Junqueira (2012, p.74) as escolas teriam um relevante serviço à cidadania e a educação:

[...] se dedicassem à problematização de práticas, atitudes, valores e normas que investem nas polarizações dicotômicas, no binarismo de gênero, nas segregações, na naturalização da heterossexualidade, na essencialização das diferenças, na fixação e reitificação de identidades, na (re) produção de hierarquias opressivas.

Sendo assim, a escola exerce um papel fundamental na formação do sujeito em diversas esferas da vida social, incluindo o acolhimento e a homofobia na identidade de gênero, que é patrocinada pela atuação de todos os profissionais envolvidos no ensino-aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa contou com duas entrevistas, nas quais foram transcritas integralmente em forma de diálogo paralelamente com a bibliografia proposta para a análise e discussão da coleta de dados. Para melhor visualização dos personagens entrevistados e sua situação concreta mediante o assunto, identificamos os entrevistados por gênero sexual e por sua idade.

Para Junqueira (2012, p.76) a livre expressão de gênero e do desejo é um direito humano, no entanto, ao iniciar a entrevista foi perguntado qual o seu gênero? E assim, conforme identificados na pesquisa, E1 (gay) e E2 (lésbica), garantindo o sigilo da identidade dos alunos e sua exposição.

Figura 1: Tabela de identificação e de informações dos entrevistados.

ENTREVISTADO (A)	GÊNERO SEXUAL	IDADE	CERTEZA DA IDENTIDADE	ACOLHIMENTO DA COMUNIDADE ESCOLAR	PROCESSO DE ACEITAÇÃO DE IDENTIDADE
E1	Gay	17	Sim	<i>Não sei qual seria a reação deles se soubessem abertamente.</i>	<i>Nunca tive confronto comigo mesmo, em relação a minha aceitação.</i>
E2	Lésbica	17	Sim	<i>Não me sinto acolhida pelos colegas.</i>	<i>Eu me aceitei normal.</i>

Fonte: Os autores (2017).

O processo de reconhecimento e o empoderamento de uma identidade implica em enfrentar uma realidade objetiva. Para Freire (2017, p.52) o reconhecimento sem ação (inserção crítica) não é reconhecimento verdadeiro. E o reconhecimento subjetivista, foge da realidade objetiva, cria uma falsa realidade “em si mesmo”.

O medo da perda, da rejeição e o afastamento dos amigos, após a descoberta da identidade de gênero é um enfrentamento provável para os adolescentes nesse processo de pertencimento, por isso o “E1” não se autodeclarou sexualmente gay de forma pública.

Na sequência, foi questionado aos entrevistados, quando foram as primeiras sensações e descobertas que afirmavam sua identidade de gênero homossexual?

E1. Desde bem pequeno, quando eu tinha uns 10 anos, em festa de família, meu pai tinha puxado minha mãe e disseram, se ele for gay, que ele (meu pai) iria me expulsar de casa. Minha mãe faleceu e não ficou sabendo, mas ela já desconfiava desde sempre. E meu pai também desconfiou e é preconceituoso. Ele me abandonou, não entra mais em contato comigo. Ele abandonou a mim e meus irmãos. Depois do falecimento da minha mãe, resolveu abandonar a gente e fomos morar com minha tia. Quando ele bebia, alcoolizado, ele jogava tudo pra fora de casa. Eu tenho três irmãos, mas eles também têm preconceitos. Mas, se assumir, em qualquer momento, você se torna o alvo de “veado”, “gay”.

Mesmo que a identidade de gênero seja tomada para si, caracterizando como “gay ou lésbica” e tendo consciência deste pertencimento, para a *heteronormalidade*, essa caracterização é utilizada por sinônimos de palavras com a natureza de ofender e de ridicularizar.

E2. Senti-me lésbica, na primeira vez que eu fui numa balada gay com meu irmão, foi em 2013, ele me convidou, aí chegando lá, uma menina perguntou pra ele, se eu era lésbica. Por intermédio do meu irmão, eu acabei ficando com a menina e por fim gostando de ter ficado. Depois eu fui e arrumei uns amigos na praça central da cidade, depois uns amigos roqueiros que curtem cemitério. Onde acabei ficando com outra menina. Eu quero isso pra mim e é o que eu gosto. Uma vez só fiquei com um menino e não gostei. Nunca tive relação sexual com homem.

Continuando a entrevista, tomamos a liberdade de perguntar se os entrevistados já passaram por algum preconceito homofóbico, dentro ou fora do ambiente escolar?

E1. Na escola nunca sofri nenhum constrangimento em relação ao gênero, nunca sofri.

E2. Dentro da escola sim e fora também. Dentro da escola, a primeira vez, fui duas vezes, eu tinha perguntado pra uma menina se ela era bissexual. Daí ela saiu espalhando pra todos que eu tinha pedido pra ficar com ela. Então, as pessoas passaram a me chamar de “quarentão”, “sapatão”, “chupadora de buceta”, quando eu fui pra casa, contei pros meus irmãos e eles disseram que vinham depois tirar satisfação.

E2. O segundo caso, eu estava abraçada com meu amigo, umas meninas disseram: aquela não é a sapatão? Agora está com homem? Essa menina aí é “mó sentadeira”, ela não é lésbica? Na mesma hora, eu fui tirar satisfação. Por conta do preconceito ouvido. Houve discussão verbal. Então minha ex-namorada veio me buscar no dia e depois não aconteceu mais nada. Agora eu estou casada com outra mulher. Quando eu me assumi na escola, perdi minha amiga, por conta de preconceito. A minha mãe aceitou numa boa, na minha casa é tudo de bom.

Freire (2017, p.58) afirma que “como poderiam os oprimidos dar início à violência, se eles são o resultado de uma violência?” No entanto, a “E2”, haja visto, não iniciou a provocação, apenas reagiu a uma agressão verbal, provocada pela colega, conforme seu relato.

Nesse sentido, a violência é inaugurada por quem o oprime, pois “inauguram o desamor, não os desamados, mas os que não amam, porque apenas se amam” (FREIRE, 2017, p.58). Violência, desamor, terror, tirania, ódio, força e a negação dos homens são inaugurados pelos seus (p.58-59).

Perguntamos, então: Como é conviver com o preconceito no contexto escolar?

E1. Já presenciei preconceitos com outros colegas, aqui nessa escola. Eu me senti, mal por ele. Mas infelizmente não pude fazer nada. Acabou que ele parou de estudar.

E2. É horrível, porque você tenta se sentir livre, uma pessoa normal e não consegue.

Como afirmamos anteriormente, assegurar a frequência do aluno durante todo o seu processo de escolarização é um fator primordial e mais ainda é repensar a atuação da escola para evitar a homofobia no chão da escola.

A última pergunta foi para averiguar se os entrevistados se sentem acolhidos (as)?

E1. Eu me sinto porque até agora eu levo uma vida de hetero. Porque parece quando a gente, fica assim, Eu sempre convivi com homem. Meus irmãos, locais heteros.

E2. Na parte dos diretores, gestão e professores sim, por parte dos alunos não. Somente dois amigos, que vivenciam a mesma situação.

Sendo assim, o medo, repúdio, introspecção, o processo de negação da identidade de gênero, conflitos intrapessoais etc., são frequentes no cotidiano dos alunos homossexuais que estão na educação básica, ou o enfrentamento rotineiro para a sustentação da identidade de gênero.

Encerramos estas entrevistas valorizando suas falas e podemos afirmar que a ação de ouvir, tornar público as falas do indivíduo em situação distinta a *heteronormativa*, é o princípio de materialização para a conscientização e mudanças de paradigmas no chão da escola.

CONCLUSÕES

Esta pesquisa buscou promover e repensar algumas ações onde os alunos de identidade de gênero homossexual, vivem e convivem no chão da escola com a finalidade de se repensar e garantir um desenvolvimento intelectual de qualidade, participar de atividades e atrações escolares, com menores prejuízos e sem qualquer forma de discriminação ou *bullying*.

Averiguamos que a escola não pode “fechar os olhos” para a homossexualidade em sua rotina, e sim, tratar as peculiaridades, favorecer a tolerância para as diferenças, quebrando os

padrões *heteronormativos*, as mudanças de paradigmas que envolvem todos os participantes da escola.

Portanto, para Junqueira (2012, p.80) “[...] não basta denunciar o preconceito e apregoar maior liberdade: é preciso desestabilizar processos de normalização e marginalização”, ou seja, instigar o pensamento crítico para as diferenças e questionar as classificações de identidades para desestabilizar o poder da *heteronormalidade* que *heterorregula* a rotina escolar.

Baseado nas observações dos entrevistados em relação ao acolhimento, a escola pode trabalhar e buscar auxílio para a prática do trabalho com a tolerância e a humanização por um mundo menos preconceituoso e mais acolhedor.

A pesquisa não teve a função de negar ou favorecer a temática para propagação de constrangimentos dos alunos representados, mas trazer um alerta ao meio acadêmico e as políticas públicas que regulamentam a escola de educação básica, que a escola é palco de preconceitos homofóbicos e de que estes adolescentes existem e estão se materializando neste processo de ensino-aprendizagem muitas vezes conturbados.

A pesquisa se intitulou após ir a campo pois foi o momento de maior visibilidade e ênfase nos relatos dos alunos, tanto para o acolhimento, longe do indicado e da perfeição, mas permissível de mudança de paradigma, quanto à homofobia, alvo da identidade de gênero homossexual, declaradamente pela comunidade escolar, ou seja, os alunos, com demonstrações de preconceitos, rejeições, chacotas e enfrentamentos diários da rotina escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. – 9.ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

BUENO, Francisco da Silveira. **Grande dicionário etimológico – prosaico da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1965. 4v.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. In: **Rev.latin-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v.8, n.2, p.18-24, abril 2000.

CASTRO, Paula Almeida de. **Tornar-se aluno – identidade e pertencimento**: perspectivas etnográficas. Campina Grande-PB: EDUEPB, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. – 63.ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. In: **Revista Educação On-line PUC-Rio**. nº 10, p.64-83, 2012.

LIMA, Rafael Correia; WOJCIECHOWSKI, Diandra; NARDINO, Marli Matiasso. O perfil dos alunos do ensino médio frente à sexualidade. In: **Anais IV SINALGE**. Campina Grande-PB. V.1, abril/2017.